

# BRASÍLIA

## Três projetos, um em execução - II

Eduardo Alexandre Garcia

Como dissemos: — "em Brasília três projetos, um em execução - I", a idéia inicial do nosso trabalho consistia em uma publicação total dos 26 projetos apresentados em concorrência pública aberta pela Novacap para a construção de Brasília. O intento, contudo, não pode ser conseguido a curto prazo, o que nos levou à redução da matéria para apenas quatro publicações, no lugar das 26 pretendidas. O fato determinante na alteração da determinação foi a impossibilidade de manusear os originais dos projetos, já que, após semanas de contatos com autoridades da Novacap, Terracap, Secretaria de Viação e Obras, etc., não nos foi possível localizá-los. Ficaram informações vagas que os projetos haviam permanecido na Secretaria de Viação e Obras até 1967, tomando depois destino ignorado das autoridades da secretaria. Uma outra informação dava conta que eles teriam sido enviados ou ao Escritório da Novacap, no Rio de Janeiro, ou haviam sido liberados para apreciação de uma possível publicação especial da Secretaria de Governo do Distrito Federal. Apesar das dificuldades, uma revista, publicada em 1957 pela Novacap - denominada "Brasília" - em duas de suas publicações traz um roteiro do que seria Brasília segundo os projetos classificados em segundo e terceiros lugares - Baruch Milman, Rino Levi e MMM Roberto, respectivamente -, consonante o parecer da Comissão Julgadora encarregada do exame dos projetos. A partir de tal publicação, pudemos levar adiante a idéia e, num trabalho quase compilatório da revista, levamos ao leitor do Correio Braziliense aquilo que poderia ser Brasília, quinze anos após sua inauguração.

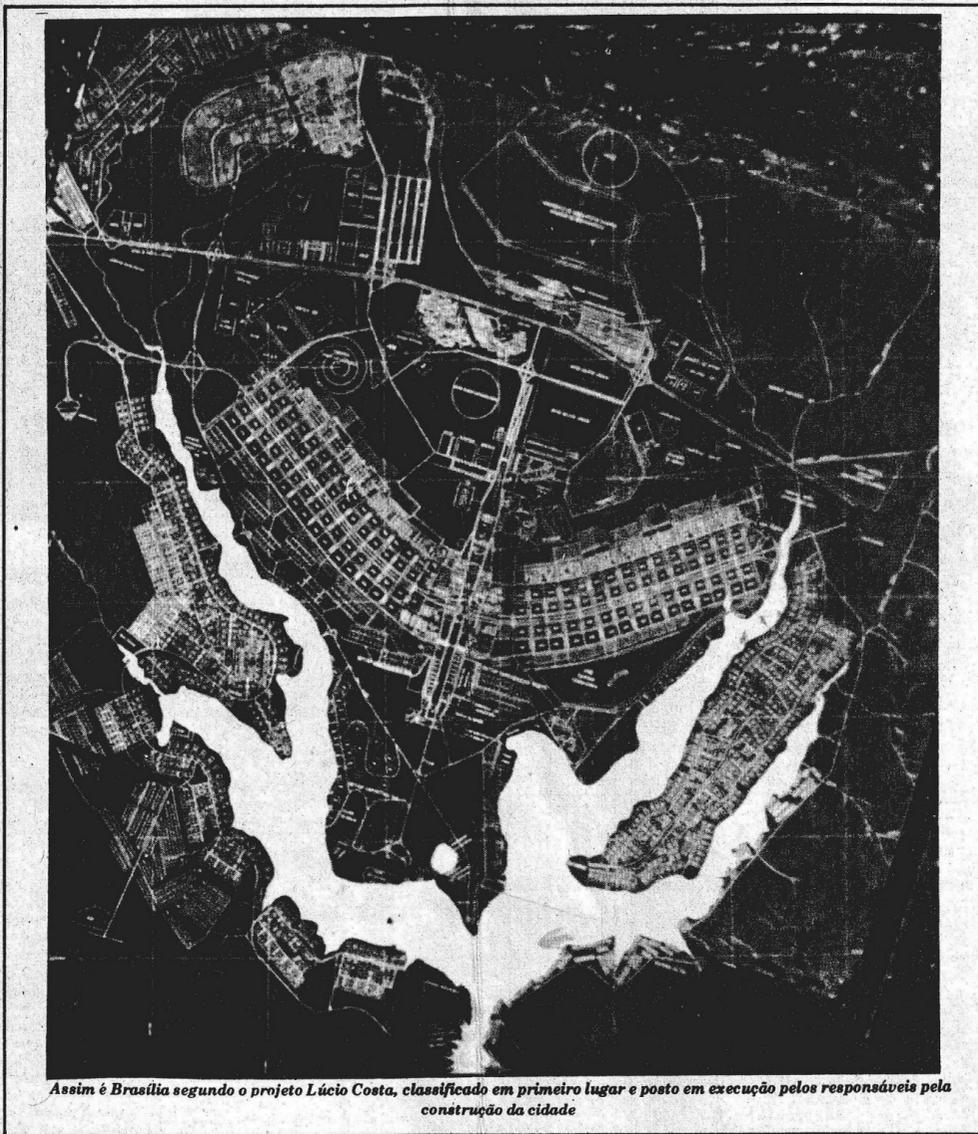
O projeto Rino Levi, confeccionado de parceria com Roberto Cerqueira César, L. R. de Carvalho Franco e Paulo Fragoso, foi classificado, dentre os 26 projetos apresentados, em terceiro lugar - posição também ocupada pelo Projeto dos MMM Roberto, motivo de nossa publicação anterior.

Como a Brasília de Lúcio Costa, a Brasília do projeto Rino Levi localizar-se-ia em terreno praticamente de nível, junto ao lago que o projeto concebe. O lago, envolveria, também, três lados da cidade.

As margens do lago seria construído um "soberbo parque" onde, em posição de destaque, seriam erguidos os principais órgãos do Governo Federal. "Uma grande avenida de acesso", diz a revista, "serviria como palco para desfiles e manifestações cívico-militares. Ministérios, autarquias e órgãos que exigem contatos rápidos e fáceis, seriam erguidos no centro urbano. Como a maioria da população ocuparia terreno situado num raio de um quilômetro, em torno ao centro urbano, o acesso à maior parte desses edifícios públicos seria feito a pé, sem problemas de condução e sem cruzamentos com as vias de tráfego motorizado, graças à providencial solução preconizada para o trânsito.

No Centro urbano, além de situados os órgãos federais, as principais atividades da cidade ali estariam concentradas: administração, comércio, cultura e diversão. Um tronco viário tangenciaria o centro, ligando-o diretamente às estradas.

A disposição dos conjuntos residenciais, do projeto, redundaria no desenvolvimento de uma consciência de grupo, num sentido de



Assim é Brasília segundo o projeto Lúcio Costa, classificado em primeiro lugar e posto em execução pelos responsáveis pela construção da cidade

autodeterminação e espírito cívico. A redução considerável das distâncias, o uso da marcha a pé em maior escala do que em outras cidades, trariam uma multiplicação de contatos entre a população, unindo o indivíduo à sua coletividade.

O superbloco foi a solução encontrada pelo projeto para o problema habitacional na candidata à Capital Federal. Sua justificativa: é um recurso que permite concentrar parte considerável de uma população em área reduzida, simplificando o esquema das cidades e seus serviços, além de manter os terrenos livres e criar alto nível de bem-estar material

e espiritual, equilibrando a organização social. Comportaria uma população de 16 mil habitantes.

Cada um desses superblocos conjuga 32 edifícios, de 20 andares, com dimensões de 18 a 35 metros. Tais edifícios, colocados lado a lado, seriam ligados por ruas internas, estendendo-se por toda a extensão do conjunto e com 5 praças no seu interior. Os edifícios abrigariam uma população média de 500 habitantes, segundo o cálculo que se apoiou numa necessidade de 25 metros quadrados de apartamento para cada pessoa. Os 32 edifícios que compõem cada superbloco seriam divididos em 4 grupos superpostos, possuindo esses grupos oito edifícios.

As ruas internas, prossegue, seriam passagens obrigatórias dos moradores, e onde se concentrariam os estabelecimentos comerciais. Nas suas extremidades ficariam dispostos o jardim de infância, creche, centro de saúde, com as respectivas áreas de balanço, destinadas aos recreios sob o céu aberto.

A estrutura principal dos edifícios seria construída de quadros rígidos, múltiplos, formados de pilares em formato celular e vigas treliçadas, longitudinais. Este viga-treliçado receberia a carga dos andares através de tirantes.

A revista Brasília chama atenção para o princípio estrutural adotado para o projeto. Diz ela: a simplicidade e flexibili-

dade resulta na independência estrutural de cada edifício, possibilitando soluções variadas de plantas, circulação vertical e instalações. Até mesmo variantes na concepção dos superblocos. Cada conjunto teria a sua fisionomia própria, suas características particulares. Quanto aos andares neutros (veja foto de um dos superblocos), produto dos vigamentos treliçados, deu-lhes o projeto funções variadas: máquinas de elevadores, reservatórios de água, tubulações, etc.

Em torno do centro urbano foram desen-

volvidos os Setores de Habitação Intensiva. Os Setores de Habitação Extensiva ocupariam sempre zonas periféricas, nos extremos das vias de acesso.

Nos SHI o índice demográfico seria realmente elevado, abrangendo o grosso da futura população. Contudo, sem prejuízo das melhores condições de isolamento e ventilação, ficando a quase totalidade do solo reservada para áreas livres. Diz a revista que a concentração da maior parte da população em torno do centro urbano oferece consideráveis

mais curtas, sem cruzamento com as vias de tráfego motorizado; redução do número e volume de obras para construção dos sistemas viários, de eletricidade e hidráulica; redução no equipamento e pessoal necessário à conservação dessas obras; redução no custo de todos os serviços públicos; maior possibilidade material na execução das obras da cidade, dentro de alto padrão técnico; possibilidade de transferência da capital dentro de prazo curto consoante a política governamental.

Os SHI seriam divididos em conjuntos de 48 mil habitantes, com centros distritais próprios, cada conjunto com três superblocos de 18 mil moradores. Esses superblocos seriam divididos em quatro unidades, de 4 mil habitantes, com seus serviços complementares. Como a distância entre os superblocos seria de 800 metros, frente a frente, as condições de visão panorâmica proporcionariam um grande prazer aos moradores.

O problema da condução urbana é um dos marcos do projeto, dado a originalidade e à funcionalidade que poderia ser realidade na Brasília de hoje. O acesso dos veículos aos conjuntos far-se-ia por vias elevadas expressas, ligadas ao tronco viário Norte/Sul, parando os ônibus nos próprios andares, em pilotis dos superblocos.

Os Setores de Habitação extensiva seriam ocupados por 15 mil habitantes, subdivididos em unidades de 5 mil habitantes. Aqui seriam erguidas as residências individuais e os apartamentos "semi-intensivos", com índices de

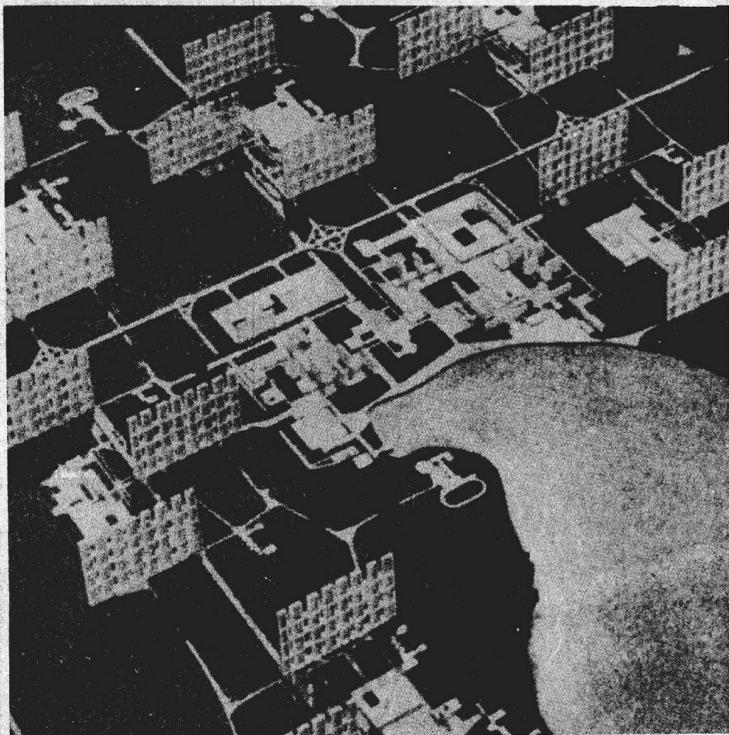
100 a 200 habitantes por hectare.

A Cidade Universitária é colocada no extremo sul do tronco viário Norte/Sul, com várias faculdades, clubes, campos de esporte, centros de saúde e demais instalações anexas à Universidade.

O projeto Levi prevê para o Setor Industrial, espaço para entrepostos, garagens e depósitos. Coloca-o junto à estrada de ferro e auto-estrada, ligada à cidade por via expressa e separada do setor residencial por espessa área verde.

Quanto às áreas verdes, o projeto reconhece que o terreno em Brasília é, até certo ponto, considerado mediocre. Considera, entretanto, um problema passível de recuperação. As matas das melhores áreas verdes seriam conservadas e ampliadas a fim de preservar os cursos d'água naturais que deveriam alimentar o lago. O projeto, informa a revista Brasília, condena o uso desses espaços para a agricultura. Uma vez recuperado o solo, surgiriam jardins na totalidade da área urbana, assim como chácaras e granjas na sua periferia.

O projeto Levi foi elaborado para uma população de 500 mil habitantes, admitindo um crescimento além do limite especificado no próprio edital do concurso. O crescimento seria solucionado com a construção de mais três conjuntos de habitação intensiva e outros de habitação extensiva. Contudo, o projeto, apesar de reconhecer que isto em nada danificaria o grosso da obra, adverte que deveriam ser criadas leis adequadas à limitação do crescimento da cidade e seus vários setores.



O Centro Urbano de Brasília, segundo proposição lançada no Projeto Rino Levi. Cada conjunto abrigaria 48 mil pessoas

